

Afonso – Um quilombola páscoa sempre presente!
Um cristão aberto ao diálogo ecumênico
e inter-religioso
*Afonso – A quilombola easter always present!
A christian open to the ecumenical
and interreligious dialogue*

*Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer**

Introdução

Honrada com o convite feito pela revista REVER em homenagem ao prof. Afonso, alegro-me por poder escrever algo sobre nosso querido amigo e colega e suas contribuições relacionadas ao tema Afro. Nada fácil falar sobre Afonso Soares, como ficou mais conhecido entre nós. Suas palavras, seu jeito simples de dizer as coisas, de elaborar conceitos e apresentar-se com muito orgulho como descendente de africanos foram suas marcas registradas, pelo menos na última década, desde janeiro de 2005, quando tive a alegria e a honra de conhecê-lo, durante o IV CONENC (Congresso Nacional de Entidades Negras Católicas), realizado em Porto Alegre/RS.¹

Ao falar sobre sua formação inicial na adolescência, com muita admiração e orgulho pela origem afro que herdou de seu pai Antonio, Afonso se referia os olhares de espanto e aos comentários de seus colegas seminaristas quando, pela primeira vez, viram *aquele homem negro* sendo apresentado como o pai de um colega “aparentemente não negro”.

Rememorando esse modo de apresentação de Afonso e de reconhecimento de sua descendência, passo a compreendê-lo melhor ao ler as palavras do prof. Ênio José da Costa Brito, seu orientador na graduação em Teologia e colega de trabalho até o final de sua carreira na PUCSP, quando afirma que *a preocupação do Afonso com a questão afro era antiga*, e que Afonso trazia, com isso, *a esperança de que o povo negro conquistasse mais e mais espaço, para dizer sua palavra, sua cultura,*

* Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer é mestre em Teologia, Religião e Educação pela Faculdade EST. É professora e coordenadora do Grupo Identidade na Faculdade EST; 2ª Secretária da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião/SOTER. E-mail: selenir@est.edu.br.

¹ Quando o assunto era Negritude, raramente deixava de mencionar suas origens étnicas ao apresentar-se, antes de iniciar uma conferência ou evento sobre o tema Afro, Teologia Negra ou questões Afro-Brasileiras.

sua religião. Podemos perceber que sua trajetória acadêmica, certamente com base no que acreditava, no que vivenciou na adolescência e em outros momentos, trouxe muito dessa preocupação, resultando em diversos estudos e publicações que instigam e contribuem gradativamente para a conquista desses espaços onde, até então, o povo negro permanecia invisibilizado.

Em outras palavras, porém na mesma perspectiva, seu amigo Andrés Torres Queiruga, ao escrever o posfácio do livro *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*, Queiruga demonstra, sensivelmente, com suas palavras a capacidade de Afonso de escrever sua tese doutoral de “modo vivo e apaixonado [...], unindo implicação emotiva com enorme informação e inquestionável rigor intelectual”.² Imagino que esta frase de Queiruga permite compreender a complexidade dos estudos feitos, das relações estabelecidas e das reflexões elaboradas por Afonso e que o levaram a se preocupar com a questão afro e, em especial, ser identificado e assumido publicamente a sua negritude.

Para redigir este artigo, uma tarefa desafiadora, busquei ajuda e participação de colegas que conviveram com Afonso, que com muito mais propriedade, poderiam apresentar aos leitores um panorama histórico, amplo e rico de sua trajetória. Além disso, como parceiros de trabalho de longa data e irmãos de caminhada, cada um de nós, neste artigo escrito em co-autoria, apresentará um pouco do que Afonso representou e representa quando se trata das questões Afro-Brasileiras e da Teologia Negra Latino-Americana, motivo pelo qual mantive na íntegra cada escrito e a identificação de seus respectivos autores.

Início com um breve histórico organizado pelo prof. Osvaldo José da Silva intitulado *Uma vida que não é examinada, não merece ser vivida – ao mestre “malungo” prof. Dr. Afonso Soares*. Osvaldo foi colega de Afonso quando, no ano de 1983, constituíram um grupo de jovens seminaristas negros e, posteriormente, também foram colegas de caminhada como membros do Grupo Atabaque, liderado pelo Pe. Antonio Aparecido da Silva, mais conhecido como Pe. Toninho.

Na segunda parte, o prof. Ênio José da Costa Brito faz uma viagem no tempo, buscando memórias sobre os primeiros ensaios de Afonso quando, sob sua orientação na graduação em Teologia (1987), trilhava os primeiros caminhos e iniciava sua trajetória acadêmica sobre as questões Afro, desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o título *O negro em Jorge Amado*.

Na terceira parte, com o título *O “nosso Afonso” – um autêntico agente de pastoral e teólogo sincretico e religioso*, Marcos Rodrigues da Silva apresenta um panorama geral sobre a participação de Afonso Soares em eventos de grande

² A. T. QUEIRUGA, Prefácio. In: A. M. L. SOARES, *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*, p. 253.

importância e significado para nossas questões negras, bem como algumas das obras dele, oportunizando que os leitores e as leitoras possam apreciar, identificar e utilizar como referencial as contribuições do nosso irmão e mestre Afonso, no que se refere às questões afro-latino-americanas.

Não poderia faltar aqui uma contribuição de Dom Gílio Felício, nosso estimado bispo Afrodescendente, atualmente Bispo na Diocese de Bagé/RS, companheiro nosso, de Afonso e de demais colegas envolvidos e comprometidos com as questões afro no Brasil.

Por fim, não poderia deixar de incluir um resumo redigido por Queiruga, trecho do posfácio do livro *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. Suas palavras definem de forma muito pontual e carinhosa as ricas contribuições, provocações e legado que Afonso nos deixa, através de uma de suas obras, sua tese doutoral.

1. Uma vida que não é examinada não merece ser vivida – ao Mestre “Malungo” Prof. Dr. Afonso Soares

Oswaldo José da Silva³

O falecimento do prof. Afonso Soares, no mês de janeiro de 2016, deixou em todos e em todas com quem ele tinha uma convivência de irmandade um profundo vazio e espanto por causa de sua morte repentina. Para os antigos, o espanto é o momento de reconhecimento da força do imprevisível frente ao novo que intuíamos existir, mas só o reconhecemos na medida em que este novo se faz presente. E, no caso do professor e amigo Afonso, o novo é o reconhecimento da sua existência a partir das atitudes e da consciência histórica entre a vida e a morte, como força da ancestralidade nos projetos de nossas vidas, que devemos levar adiante.

O meu contato inicial com o Afonso Soares e o meu conhecimento a respeito dele coincidiram com o período histórico em que descobri minha negritude. A vida é assim: somos acuados pelo sentimento de não pertencimento ao grupo social do qual fazemos parte, mas não entendemos muito o porquê. No caso do cidadão e da cidadã negros no Brasil, o preconceito racial nos exclui, como forma de racismo, de modo que, ao perguntarmos ao longo do tempo histórico porque se marginalizam os negros e negras, nem os próprios racistas sabem os motivos.

³ Oswaldo José da Silva é Mestrando em Ciências Sociais/Unesp – Araraquara, e professor universitário.

Fazem-no pela tradição e pela força da cultura branca hegemônica que alimenta a ideologia na qual o ser negro/negra é considerado um ser humano inferior.

Constituímos no ano de 1983 um grupo de jovens seminaristas negros motivados pela força revolucionária e pela simplicidade dos primeiros cristãos, frente à luta contra o poderoso Império Romano. Enxergávamos um contexto paralelo no qual a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base representavam força e vigor motivacionais para a ação social e política, na luta contra o poderoso império do capital que engendrava nas grandes massas um sentimento de desesperança, marginalidade, imobilismo e fraqueza quanto às condições de exclusão social a que o povo empobrecido estava sendo submetido.

O caráter revolucionário da fé religiosa cristã que impregnava nossos corpos e mentes se tornava o alimento espiritual de que precisávamos para preencher nosso ser de vontade de querer contribuir para a superação da marginalização social e econômica. Mas tínhamos um algo a mais, que era e continua sendo, exatamente, a questão de lutar contra o preconceito racial a que a população de negros e negras é submetida no Brasil.

Motivados pela organização de freiras e dos bispos, padres e diáconos negros, nós seminaristas negros de diversas partes do Estado de São Paulo e do Brasil iniciamos nossas atividades dentro da organização constituída nos anos oitenta com a designação de Agentes de Pastoral Negros. Contávamos, sobretudo, com a força dos denominados *leigos* que, naquele cenário, eram cidadãs e cidadãos negros que atuavam dentro das igrejas e comunidades religiosas de denominações evangélicas, bem como de terreiros de umbanda e candomblé. Era de fato uma *koinonia*, verdadeira comunhão de uma parcela representativa da comunidade negra de fé.

Neste cenário, o jovem Afonso Soares, que mais tarde viria a ser o professor doutor Afonso Soares, articulou um primeiro encontro de jovens seminaristas negros nas instalações do ITESP (Instituto Teológico de São Paulo). A partir daí criamos uma identidade própria de grupo, cujas tarefas eram viabilizar boletins, cadernos, manifestos, compilar documentos e músicas para subsidiar os encontros das comunidades negras inseridas nas Comunidades Eclesiais de Base, nos Encontros Regionais, Estadual e Nacional da comunidade negra ecumênica. A sensação daquele cenário histórico era a de que nós, os negros envolvidos naquelas atividades, olhavam uns para os outros e, irmanados, poderíamos sentir um orgulho jamais experienciado antes, no autoconhecimento e no sentimento de pertença.

Nossos boletins focavam a dimensão da história descontínua, subvertida e analisada a partir da ótica negra. Procurávamos exatamente o que a história oficial e escolar não contava e ainda hoje se mantém semiobscurado; queríamos as biografias, testemunhos e depoimentos dos remanescentes dos Quilombos naquele cenário ainda não reconhecido.

Produzíamos cadernos cuja imagem se solidarizava com os irmãos latino-americanos. Olhávamos para a luta dos negros nas Américas, sentíamos as dores; uma das imagens clássicas que tomamos como ícone era atribuída aos movimentos de libertação afro-americanos da Centro-América e América do Norte, a imagem de Josiah Wedgwood, onde um negro escravizado ajoelhado, com um prato nas mãos e correntes quebradas, perguntava: *Eu não sou homem e irmão?*

No conteúdo das inúmeras publicações, abordávamos temas variados, tais como cristologia a partir do negro, análise de conjuntura sob a ótica do negro, depoimentos de Dom Pedro Casaldáliga, Milton Nascimento, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Aparecido, Dom José Maria Pires, Padres Toninho, Batista, Heitor Frisotti, Edir Maria e Joca, Frei Davi, Frei Tatá; era uma lista interminável, que com certeza os leitores saberão completar, sem pecarmos por causa do esquecimento de algumas pessoas. Além disso, informações sobre encontros programados e ocorridos, denúncias contra o preconceito racial, articulação com o Movimento dos Sem Terra, intercâmbio com cidadãos e cidadãs, negras e negros dos diversos países do continente africano. Apoiávamos a luta contra o *apartheid* na África do Sul e, neste sentido, escrevíamos, organizávamos e nos solidarizávamos com os nossos coirmãos e irmãs.

Com as manifestações por meio das várias linguagens artísticas de contos negros, poesia negra, música negra e arte negra, entre outras, subsidiávamos os documentos, atas e manifestos dos encontros da comunidade negra deste segmento.

Sem dúvida, no contexto dos anos oitenta, nossa maior e feliz descoberta foi o reencontro com Zumbi dos Palmares. Para jovens até então alienados pelo ensino público de péssima qualidade no Brasil, redescobrir Zumbi foi redescobrir uma das figuras mais significativas da luta contra a escravidão e o preconceito racial.

A imagem de Zumbi dos Palmares inspirou e inspira muitos de nós negros e negras a compor a nossa história, e a publicar reflexões de modo que a linguagem fosse a mais apropriada para que todos pudessem compreender o sentido e significado da luta contra o preconceito racial no Brasil, nos anos oitenta e noventa.

Podemos constatar que todas essas informações históricas e reflexões concernentes aos aspectos afro-brasileiros foram sedimentando saberes que foram e ainda são as bases teórico-práticas de transformações antirracistas tão presentes, mas já melhor enfrentadas em nossa sociedade.

O jovem Afonso Soares possuía dentre tantos legados, uma veia na raiz do movimento dos, até então, jovens seminaristas negros, e mais tarde, a partir do ano de 2000, já doutor, continuou sua história na luta pela causa da comunidade negra no Grupo Atabaque. Mas esta já é outra história, que, mesmo com lapsos da memória, pode ser retratada no contexto da militância intelectual e estratégica do conhecimento por parte da comunidade negra.

No contexto da modernidade líquida afirma-se que as pessoas não morrem, mas são somente absorvidas pelo fluxo de informações. A contar pelo relato desse breve histórico no qual tivemos a alegria, o prazer e a coparticipação do prof. Afonso Soares, testemunhamos que são tantas as informações que podem ser contadas, que somente na eternidade da ancestralidade, poderíamos confirmar a presença permanente da vida e morte desse nosso mestre, agora acolhido pelos Orixás da vida que mereceu ser vivida e fomentadora de sementes tantas, que, temos certeza, haverão de germinar, florescer e dar os frutos das mudanças relacionais com que tanto sonhávamos - e muito já está sendo realizado - e de tantas outras que irão advir daí.

Axé, malungo Afonso, você fez a sua Páscoa! Até o nosso reencontro!

2. Viagem no tempo... breves considerações e recordações sobre a formação inicial de Afonso Soares

Ênio José da Costa Brito⁴

Aponto alguns dados que talvez possam ajudar a ilustrar a fase inicial do envolvimento de Afonso com o tema afro.

A preocupação de Afonso com a questão afro era antiga. Já no trabalho de TCC da Filosofia optou pela literatura brasileira, por crer que ela é um canal privilegiado da filosofia –de – vida. O tema por ele estudado foi a relação entre romance e negritude nas suas palavras: “tema que desde há muito nos tem interessado!”. Daí a escolha do autor, Jorge Amado, e daí o título do trabalho “O negro em Jorge Amado: apologia do branco?”

No TCC da Teologia continua na mesma linha. Nas suas palavras: “As mesmas dúvidas e anseios. A mesma esperança de que o povo negro conquiste mais e mais espaço, para dizer sua palavra, sua cultura, sua religião. De um romancista marxista encantado com a mística Bahia e a sua gente negra, passamos a um teo-poeta presbiteriano e sua visão da religião e da teologia, Rubem Azevedo Alves”.

A questão norteadora da pesquisa foi: que relação vislumbramos entre a linguagem de Rubem Alves e a procura de uma teologia que leve em conta o Negro e que transmita sua palavra? O desejo de Afonso era, tendo dado este passo no TCC de Teologia, passar a pensar os pressupostos epistemológicos para uma

⁴ Ênio José da Costa Brito é pós-doutor em Ciências da Religião e professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUCSP. Foi orientador de Afonso Soares, no Curso de Graduação em Teologia (ITESP).

teologia negra, que recorreria às categorias rubenianas. Este era o pensamento do amigo em 1988.

A temática da linguagem era uma preocupação dele já naquele tempo. Afonso estava consciente de que a proposta de uma nova linguagem e de uma nova eclesiologia, ambas brotadas das premências e da criatividade latino-americana, encontraram, como era de se esperar, uma forte resistência e oposição. Ele temia o que vinha ocorrendo no âmbito eclesial: a “síndrome da redisciplinação” (na sua expressão).

Ao escolher Rubem Alves não escolhia um autor “em alto” (naquele momento). Afonso dizia que escolhia um cúmplice corajoso que dizia coisa com que ele (Afonso) sonhava. Mais tarde, seu novo cúmplice seria Juan Luis Segundo, de quem se tornou um grande leitor e seguidor.

3. O nosso Afonso – Um autêntico agente de pastoral e teólogo sincrético e religioso

Marcos Rodrigues da Silva⁵

Afonso, irmão e amigo, com quem tive uma relação de duas décadas e meia. Nós acompanhamos de perto as lutas da comunidade negra brasileira em busca do resgate de suas tradições e do direito à plena cidadania. O tema que marcou as reflexões e escritos de Afonso foi o preconceito que ronda as discussões sobre o sincretismo religioso afro-católico.

Na sua tese doutoral, realizou um estudo que pretendeu demonstrar, no cotejo de destacados autores, que mesmo o catolicismo não escapa dessa proposta. A tal ponto que, de fato, um catolicismo não popular inexistente, e o que conhecemos é, inevitavelmente, sincrético. Afonso procurou revisitar, também, o caminho dessa questão no mundo científico, mostrando que a palavra sincretismo é hoje bem aceita, desde que esclarecidas algumas distinções.

Depois, confrontando as posições demarcadas no âmbito da teologia cristã, seu estudo proporcionou aproximação com os/as Agentes de Pastoral Negros (APNs), que se alinham na vanguarda cristã, e apontou que o termo sincretismo continua causando constrangimento. Afinal, após demonstrar que o virtual substituto apontado pela teologia católica – a categoria inculturação – também não resiste ao teste da falseação (Popper), optou pela sustentação dialética de ambos

⁵ Marcos Rodrigues da Silva é doutor em Ciências da Religião (PUCSP) e foi orientado pelo Afonso. E-mail: marcosrit@gmail.com

os termos em disputa, ao menos enquanto não se cria consenso em torno de outra categoria.

Na sua trajetória de pastoralista, teólogo, cientista da religião e comprometido com as discussões foi no coletivo interdisciplinar do Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia⁶ onde o nosso Afonso desenvolveu suas experiências de diálogo inter-religioso e seus conhecimentos das religiões de tradição afro. Neste sentido, pretendemos elencar alguns temas que nos deixou Afonso, como um grande legado a ser aprofundado em reflexões epistemológicas e teológicas para o fortalecimento das ações pastorais com uma identidade ecumênica.

Como membro do Centro ATABAQUE, nosso Afonso, teve uma participação importante na Segunda Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha que aconteceu em São Paulo nos dias 06 a 12 de novembro de 1994. A Consulta foi realizada com o desafio de somar esforços de pesquisa e produção nas áreas das Ciências Sociais, da Religião e da Teologia da Libertação à luz das práticas vividas nas Comunidades Afro-Americanas, além de aprofundar, discutir e elaborar conteúdos sobre o tema - *Afro-América: Cultura e Teologia*.

Soares também compartilhou suas reflexões sobre o tema *Teologia da libertação, fé e práticas afro-religiosas*. São três assertivas que merecem ser destacadas:

- A Teologia da Libertação marcou o pensamento teológico dos cristãos da América Latina nos últimos 30 anos. Ela foi o instrumento de análise e compreensão de fé da realidade social dos nossos povos e, ao mesmo tempo, inspiradora dos compromissos eclesiais de ação diante dos desafios que nasciam dessa realidade;
- a Teologia da Libertação ajudou os afro-americanos, indígenas e mulheres a tomar consciência do que a sociedade envolvente tinha feito conosco: não pessoas, não ricos, não poderosos, não povos, e ter vergonha dessa situação. A Teologia da Libertação nos mostrou a parte negativa de nossa realidade, como seres “sem rosto e coração próprios”.
- e, como terceiro ponto, não queremos dizer que renunciamos à Teologia da Libertação. Hoje, mais do que nunca, ela é necessária, já que a opressão cresceu, pois nossos povos não são unicamente explorados, mas também

⁶ O Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia (Grupo Atabaque) tem acompanhado e participado do processo de produção da Teologia Negra, nas três últimas décadas. Os membros efetivos do ATABAQUE foram e são importantes na sistematização das práticas e conteúdos vividos pelas comunidades afro-brasileiras e afro-americanas. Com olhares nos espectros das ciências sociais, humanas, educação, filosofia e teologia, há a ampla leitura das realidades significativas e representativas de experiências singulares e coletivas do ser e viver do povo negro. As publicações elaboradas pelos membros do grupo, sempre priorizaram os aspectos atuais da comunidade afro, buscando, assim, elaborar as linhas temáticas que dessem visibilidade à Teologia Afro-Americana.

excluídos do projeto de futuro. O que estamos fazendo é apropriar-nos da Teologia da Libertação dentro dos nossos próprios esquemas de pensamento, inculcá-la em nossa realidade, ampliando suas possibilidades de compreensão dessa realidade, e, assim, convertê-la em nossa ferramenta de práxis cristã para a construção do Reino e das utopias de nossos povos.

Na conclusão deste último tema, que foi trabalhado em Oficina de Trabalho naquele evento, foram apontados os temas que nosso Afonso tomaria como “molas propulsoras” para profundas reflexões e discussões pertinentes nas reuniões do Centro ATABAQUE, na sala de aula e, em valiosas conversas que tivemos ao longo dos nossos periódicos encontros de estudos:

- Fazer uma avaliação sobre os aspectos teológicos emergentes da Pastoral Afro-Americana e Caribenha,
- Aprofundar a reflexão sobre ecumenismo e macro ecumenismo a partir das culturas e religiões de origem africana, afro-americana e caribenha.

Nesse sentido, estes temas foram subdivididos em alguns pontos que têm facilitado a elaboração da Teologia Afro-Americana e Caribenha, sendo eles: - Inculturação e Bíblia; Inculturação e Revelação; - Inculturação e Ética; - Inculturação Sistemática; Inculturação e Eclesiologia.⁷

O nosso Afonso, no valioso artigo “A dívida para com as famílias negras”,⁸ inicia com uma reflexão: “Nós somos uma nação que, na maior parte de sua história, teve como maioria uma população em cativeiro, subjugada pelo regime de escravidão. Uma população de não-brasileiros. Tudo isso custou caro às famílias africanas que em quatro séculos perdem entre escravizados e mortos, de 65 a 75 milhões de pessoas”.

E reafirmando as dívidas, Afonso sempre seguro do seu principal objetivo, no tocante à população afro-brasileira e americana no tema das religiões afro, assim afirma:

Embora nosso interesse primeiro tenha sido salientar a dívida nacional para com as famílias, é preciso também – sem pretender diminuir em nada a chaga social que significou o escravismo – reconhecer a criatividade negra em refazer a seu modo a grande família africana. Há todo um caminho promissor, que precisa ser sempre mais trilhado, de redescoberta da contribuição positiva dos descendentes de africanos na gestação da “família” brasileira.

⁷ Cf. A. A. da SILVA (org.) *Teologia Afro-Americana*. II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha.

⁸ A. M. L. SOARES, *A dívida para com as famílias negras*, p. 9.

O Candomblé é um dos exemplos (não o único) de que o sentido de pertença a uma comunidade, a um núcleo familiar, permaneceu vivo entre os descendentes de escravos, mesmo quando estes não se conformaram plenamente ao modelo familiar branco, sancionado pela Igreja. Aliás o próprio expediente das confrarias e irmandades de homens pardos e negros, nascido de ideias segregacionistas, foi assimilado e reposto pela comunidade negra como espaço de liberdade, porque tido como salvaguarda de suas utopias mais legítimas.⁹

Em sintonia com esta temática, na qual o nosso Afonso tem como um desejo de busca permanente de compreender e responder o que fundamenta o afro-ecumenismo e o diálogo inter-religioso, destacamos sua participação na III Consulta Ecumênica de Teologia Afro-Americana e Caribenha.

No momento da realização desta III Consulta Ecumênica de Teologia Afro-Americana e Caribenha, a participação do nosso Afonso foi muito relevante, o que se resume nas palavras do nosso ancestral Padre Toninho:¹⁰

A III Consulta, assim como as duas anteriores realizadas em 1985 e 1994, proporcionou uma rica troca de experiências e de reflexões sobre o processo teológico refletido a partir da realidade da população afro-latino-americana e caribenha. Constituiu, portanto, numa espécie de balanço e, ao mesmo tempo, um momento privilegiado para verificar avanços, desafios e perspectivas da Teologia Afro no continente.¹¹

O nosso Afonso teve uma participação especial na Oficina sobre Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso, destacando os seguintes temas:

- macro-ecumenismo: ratificado na Assembleia do Povo de Deus (1992), é apreciado nos grupos populares, em especial pelos APNs. Supõe um ecumenismo de fronteiras, com base na experiência das comunidades.
- Diálogo intra-religioso: coincide com o que Pe. Firtio (membro da Oficina) propôs como uma das maneiras de se viver o diálogo afro-inter-religioso. Na verdade, já teríamos muito a fazer se apenas nos concentrássemos nas experiências religiosas múltiplas dentro de uma mesma comunidade (ou pessoa) religiosa.
- inculturação: é atualmente o termo mais festejado na igreja católica (entre os evangélicos, o termo mais conhecido é contextualização). Encontrou aí

⁹ A. M. L. SOARES, *A dívida para com as famílias negras*, pp. 19-20.

¹⁰ Pe. Antônio Aparecido Silva, coordenador do Grupo Atabaque.

¹¹ A. Ap. da SILVA e Sonia Q. SANTOS (orgs.), *Teologia Afro-Americana – III Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha*, p. 7.

consenso entre os “conservadores” e “progressistas”. E justamente aí mora seu perigo; duas pessoas defendendo a inculturação podem estar falando de coisas diametralmente opostas. No caso das comunidades populares, especialmente afro-indígenas, normalmente se entende por inculturação uma construção que os sujeitos vão fazendo em seu contexto a partir da provocação do Evangelho em suas tradições.

Para ser mais enfático e desafiador, no sentido de responder na afirmação deste povo afro, nosso Afonso finaliza a relevância dos seguintes aspectos:

- inreligiosação: palavra nova e feia para um desafio antigo, que devia estar subentendido no termo inculturação (mas, às vezes, este “sub” faz com que se esqueça de tal desafio): toda religião transforma-se desde dentro, no contato com as demais; precisam apostar ou sair de suas religiões de origem. A religião se deixa tocar por outra religião, assimilando o que lhe parece fazer mais sentido e descartando o que lhe convém. O problema é que, se olharmos mais atentamente, isso em nada difere daquilo que costumamos chamar de... - sincretismo. Quando se fala de sincretismo religioso, nosso primeiro impulso costuma ser o de pensar em algo específico, um catolicismo imerso e acomodado em hábitos, formulações e/ou convicções deturpadas do cristianismo original. Mas seria, contudo, necessariamente assim? Lavar a escadaria soteropolitana da Igreja do Senhor Jesus do Bonfim em honra a Oxalá é um exemplo do catolicismo naufragado ou será antes uma etapa rumo à síntese cristã (presumidamente) ideal? Ou ainda, do ponto de vista do candomblé baiano, um enriquecer-se de elementos exóticos e acessórios da religiosidade europeia (lusó-ibérica)? Africanos e indígenas corromperam o catolicismo português ou foi este que violentou as tradições ancestrais dos primeiros? Portanto, falar do sincretismo é reconhecer os contatos religiosos que se estabelecem entre grupos e indivíduos e que têm uma progressão que vai desde o grau zero de diálogo até a convergência de práticas e convicções, passando por etapas intermediárias de justaposição simbólica (paralelismo) e fusão de ritos e costumes.¹²

Assim, ficamos com o seu legado nosso Afonso e, o seguiremos na busca de experiências e reflexões pertinentes. Da profundidade e amplitude de suas propostas podemos dizer que estamos engatinhando, mas elas nos são as bases, as perspectivas e o caminho a ser seguido!

¹²A. A. da SILVA e S. Q. SANTOS, (orgs.) *Teologia Afro-Americana*. III Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha, p. 227.

Pelo legado somos gratas a todas as pessoas que beberam de sua fonte! Pelos atalhados já andados e pelo novo trilhar, pedimos sua proteção e bênçãos, Afonso Soares, nosso mais novo ancestral! AXÊ!

4. Afonso Maria Ligorio Soares: um belo testemunho de dedicação ao estudo, nos deixou uma herança bendita

Dom Gílio Felício¹³

Fiquei muito triste quando soube da morte do prof. Afonso Maria Ligorio Soares. Mas, antes de cair na tentação de culpar a Deus pelo passamento deste grande amigo, resolvi visitar a história da Pastoral Afro-Brasileira e Latino-Americana, a partir da década de 80. E o sentimento de pesar se transformou em hinos, salmos e cânticos espirituais de gratidão a Deus pelos relevantes serviços que o prof. Afonso prestou à Igreja Católica. Serviços que ajudaram a Igreja a se entusiasmar mais pela sua vocação de “Advogada da Justiça e defensora dos pobres”.

O prof. Afonso morreu, mas, deixou um legado capaz de favorecer a vida e a missão da Igreja e da sociedade na luta em prol do desenvolvimento integral de cada pessoa e de toda sociedade.

Na verdade, a história da Pastoral Afro-Brasileira e Afro-Americana está marcada indelevelmente com a generosa contribuição do prof. Afonso. Deus seja louvado por este homem que, na terra, carregou Deus no coração e agora, com certeza, mora feliz no coração de Deus, que denominamos Céu, apelidado, pelos membros da Pastoral Afro-Brasileira, de “Quilombo Páscoa”.

O prof. Afonso nos deixou uma herança bendita, um belo testemunho de dedicação ao estudo, ao ensino e à vivência da Religião. Guardo vivos na memória vários encontros nos quais, depois de estudos, reflexões e orações, com a sábia sugestão do prof. Afonso, assumíamos compromissos entendidos como “enfrentamentos proféticos” para melhorar a realidade social, cultural e religiosa do povo negro africano e afrodescendente.

O notável saber do prof. Afonso ajudou muito a mim e a tantos outros sacerdotes, bispos, religiosos e fiéis leigos a perceber a necessidade aguda e urgente do processo de inculturação, do diálogo ecumênico e inter-religioso da Igreja Católica em sua caminhada de evangelização dos povos.

Lembro-me muito bem do entusiasmo do prof. Afonso, referindo-se ao testemunho do Papa João Paulo II como peregrino e ícone da globalização da

¹³ Bispo Diocesano de Bagé/RS. E-mail: giliofelicio@yahoo.com

civilização do amor e da paz; como arauto do evangelho, sucessor de Pedro a serviço da comunidade humana; mas, ao mesmo tempo, um penitente que, em nome da Igreja, bate no peito e pede perdão pelo que a Igreja fez ou deixou de fazer pelos pobres, mostrando que era possível promover a proximidade entre as religiões, como protagonizara em tantos lugares, em que muitos religiosos saíram de suas zonas de conforto para cultivar o diálogo, tendo em visto o bem da humanidade. Seguidamente o Papa João Paulo II era lembrado pela ousadia da proatividade face ao desafiador empenho de oferecer ao Novo Milênio mecanismos de abertura e diálogo com expoentes de outras religiões. Como o grande “ícone” de Assis no ano de 1986 e o encontro na Praça de S. Pedro com representantes de muitas religiões não cristãs no dia 28 de outubro de 1999, já às portas do Jubileu.

É belo o que o “João de Deus” escreve na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*:

Na condição de um pluralismo cultural e religioso mais acentuado, como se prevê na sociedade do novo milênio, isso é importante até para criar uma segura premissa de paz e afastar o espectro funesto das guerras de religião que já cobriram de sangue muitos períodos na história da humanidade. O nome do único Deus deve tornar-se cada vez mais aquilo que é: um nome de paz, um imperativo de paz. Mas, o diálogo não pode ser fundado sobre o indiferentismo religioso, e nós, cristãos, temos a obrigação de realizá-lo, dando testemunho completo da esperança que há em nós (cf. 1 Ped 3,15). Não devemos ter medo que possa constituir ofensa à identidade de outrem aquilo que é, inversamente, anúncio jubiloso de um dom, que se destina a todos e, por conseguinte, há-de ser proposto a todos com o maior respeito da liberdade de cada um o dom da revelação do Deus-Amor, que “amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único” (Jo 3,16).(NMI 55-56).

Como padre e depois como bispo referencial da Pastoral Afro-Brasileira, aprendi muito com o prof. Afonso. Com sua nobre simplicidade desafiava seus interlocutores a conhecerem com entusiasmo e evangélica avidez a riqueza imensa e polivalente do povo negro; lembrando que a pedagogia libertadora do pobre não se identifica com a luta de classes ligada à conhecida lógica do *mors tua vita mea...*, e do assistencialismo que, via de regra, é o ladrão da auto-estima. A lógica libertadora tem a ver com aquela que o Papa João Paulo II apelidou de “fantasia da caridade”, a qual se manifesta não só e nem, sobretudo, na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna. Desafio, este de âmbitos delicados e controversos, mas, que garante, necessariamente, uma forma de serviço à cultura, à política, à economia,

à família, suscitando em toda parte respeito aos princípios fundamentais de que depende o destino do ser humano e o futuro da civilização (cf. *NMI* 50-51).

Tive o privilégio de conhecer o prof. Afonso, e ouvi-lo discorrendo sobre o Brasil e os afro-brasileiros, afirmando que Estado era assistencialista realçando clientelista transformando o cidadão conquistador de direitos em beneficiário. O que fizera e continua fazendo ao lado de algumas organizações não governamentais, dizia o Prof., cumpre o papel de dar paliativos a problemas crônicos que, na verdade, precisam de políticas públicas afirmativas.

Não se pode negar a importância do Estado e das organizações não governamentais em favor dos pobres. Porém, um indivíduo técnico e profissionalmente preparado, muitas vezes, tornase inútil, na conjuntura atual. Porque é incapaz de exercer uma cidadania ungida por seus dons e carismas, humanos, culturais e religiosos. O clamor do povo negro é por cidadania a pleno título, no usufruto dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres.

O prof. Afonso marcou presença com o seu trabalho literário, suas reflexões, suas assessorias, etc. Partiu para a eternidade, mas continuará presente entre nós, no belo testemunho de palavras e obras ditas e feitas à luz da religião. Com o prof. Afonso as pessoas se convenciam de que a religião não era um “ópio do povo”, mas uma proposta viva e eficaz de promoção do desenvolvimento integral da pessoa toda e de todas as pessoas.

A solicitude da Igreja pelo Povo Negro está presente no magistério da Igreja Latino-Americana e do Caribe, e foi registrada no Documento de Aparecida: “A Igreja denuncia a prática da discriminação e do racismo em suas diferentes expressões, pois ofende no mais profundo a dignidade humana criada à “imagem e semelhança de Deus”. Preocupa-nos que poucos afro-americanos cheguem à educação superior, sem a qual se torna mais difícil seu acesso às esferas de decisão na sociedade. Em sua missão de advogada da justiça e dos pobres, a Igreja se faz solidária aos afro-americanos nas reivindicações pela defesa de seus territórios, na afirmação de seus direitos, na cidadania, nos projetos próprios de desenvolvimento e consciência de negritude. A Igreja apoia o diálogo entre cultura negra e fé cristã e suas lutas pela justiça social, e incentiva a participação ativa dos afro-americanos nas ações pastorais de nossas Igrejas e do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano). A Igreja com sua pregação, vida sacramental e pastoral precisará ajudar para que as feridas culturais injustamente sofridas na história dos afro-americanos não absorvam, nem paralitem a partir do seu interior, o dinamismo de sua personalidade humana, de sua identidade étnica, de sua memória cultural, de seu desenvolvimento social nos novos cenários que se apresentam (*DAp*, 533).

Nesta e em tantas outras afirmações do Documento de Aparecida está presente, direta ou indiretamente, a contribuição do prof. Afonso. Que ele esteja

“curtindo” plenamente as alegrias do céu. E de lá, juntamente com o Pe. Toninho e tantos outros “heróis legendários” da Pastoral Afro-Brasileira, interceda por todos nós, a fim de que, apostando no amor rico em misericórdia de Jesus Cristo, o Crucificado ressuscitado, possamos, quando Deus quiser, morar no “Quilombo Páscoa”, onde mataremos a saudade que ficou do prof. Afonso Maria Ligorio Soares que partiu.

5. Trecho do posfácio do livro *Interfaces da Revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*.

Como parte final, um escrito elaborado por Andrés Torres Queiruga que consta da contracapa do livro *Interfaces da Revelação; pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*, publicação de sua tese de doutorado. Nas palavras de Queiruga,

o diálogo das religiões converteu-se num dos temas fundamentais do nosso tempo. Na América Latina, ademais, constitui um agudo problema prático, que tem no Brasil um laboratório privilegiado. Qualquer abordagem enfrenta um nó de contradições teóricas e de questões vitais, extremamente sensíveis. Este livro atreve-se a encarar o problema. E o faz de modo vivo e apaixonado, longamente trabalhado, unindo implicação emotiva com enorme informação e inquestionável rigor intelectual. Elaborou uma proposta valente e mesmo arriscada, pois toma o problema de maneira pessoal, sem esquivar de pontos muito candentes, que afetam tanto a essência da fé como sua vivência pessoal e sua concreção institucional. Não oculta em nenhum momento sua tese: a busca de uma nova configuração religiosa que, sem renunciar à herança cristã, acolha dentro de si, em pé de igualdade, os valores religiosos das tradições africanas. Dada a enorme complexidade da tarefa, constitui um dos grandes méritos do trabalho que o autor não apenas saia ileso da aventura, mas também consiga uma articulação suficientemente clara de sua proposta. Um livro, enfim, repleto de entusiasmo cordial, de preocupação prática e de infindáveis sugestões intelectuais. Obra que, como dos grandes símbolos dissera Kant e repete Ricoeur, dá o que pensar. Sem dúvida, ninguém ficará indiferente a esta leitura que remove muitos lugares-comuns e estremece algumas certezas que pareciam óbvias e definitivamente adquiridas. O tema não continuará a ser o mesmo depois deste estudo. Eu, pelo menos, devo confessar que aprendi muito, e continuarei a meditar sobre que li e estudei aqui.¹⁴

¹⁴A. T. QUEIRUGA, Contracapa. In: A. M. L. SOARES, *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*.

Considerações finais

O que mais poderíamos falar sobre Afonso Soares? Tantas memórias, trocas de saberes e experiências partilhadas não caberiam aqui pela intensidade com que cada contribuição, cada encontro nos fez mais e melhores. Certamente, muitas obras escritas a seu respeito ainda virão, e outros temas e outras frentes defendidas por Afonso estarão sendo apresentadas. Tudo isso nos honra e nos fortalece como comunidade negra, irmãs e irmãos de caminhada, como negros e negras em busca dos espaços com maior visibilidade.

Encerro admitindo que, apesar de entender que a morte não é o fim, não foi fácil elaborar esse material, e o mesmo sentimento, também, pude perceber em cada um dos colegas co-autores que escreveram seus depoimentos para compor este artigo. Justifico aqui a impossibilidade da participação das profas. Irene Oliveira e Petronilha Beatriz da Silva devido aos prazos e a outros compromissos assumidos anteriormente, elas nos apoiaram, mas não puderam colaborar e participar desse momento.

Nosso agradecimento especial ao nosso querido amigo/irmão Afonso Soares pela sua prática, pelas suas abordagens teóricas. Na sua sabedoria e simplicidade foi tecendo grandes exemplos, pelos quais hoje somos gratos e gratas e que passamos a chamar de legado. E, como já foi dito, temos mais um ancestral a olhar e interceder por nós. Deixo para você, querido Afonso, um abraço negro com muito Axé!

Referências bibliográficas

- JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.
- SILVA, A. A. da (org.) *Teologia Afro-Americana. II Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha*. São Paulo: Atabaque/ASETT, Paulus, 1997.
- _____; SANTOS, S. Q. (orgs.) *Teologia Afro-Americana. III Consulta Ecumênica de Teologia e Culturas Afro-Americana e Caribenha*. 1ª Ed. São Paulo: ATABAQUE/ASETT, 2004.
- SOARES, A. M. L. *Interfaces da revelação: pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. A dívida para com as famílias negras. In: JUNIOR, V. C. de S. (org.) *Uma dívida, muitas dívidas: os afro-brasileiros querem receber* São Paulo. Atabaque/Solidaridad, 1998.
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. 2ª ed. Brasília: CNBB, 2007.